

VIENA NOS TEMPOS DE FREUD

| PAULO MARCHON¹

RESUMO

Embora Freud tivesse sempre comentários ácidos em relação à cidade de Viena, viveu nela quase a totalidade de sua longa vida. Ele não participava diretamente da fervilhante vida vienense, mas permanecia como um sábio provocador de ideias instigantes que constituíram a Psicanálise. O autor procura mostrar como era a vida em Viena durante este período, a Viena da *belle-époque*, os personagens que fizeram a história maravilhosa da cidade e do mundo de então, o desenvolvimento das Artes, das Ciências, da Filosofia, bem como as trágicas guerras mundiais e também os esforços pacifistas que culminaram com a criação da Comunidade Europeia.

Palavras-chave: *Belle-époque*. Primeira Guerra Mundial. Fim do Império Austro-Húngaro. Gustav e Alma Mahler. Popper. Secessão. Wittgenstein. Arnold e Stefan Zweig. Fuga de Freud. Segunda Guerra mundial.

ABSTRACT

Although Freud always had acid comments on the city of Vienna, he lived there for nearly his whole life. He did not take part directly in the fervent life of Vienna, but remained as a wise instigator of disturbing ideas that constituted the Psychoanalysis. The author aims to show how the life in Vienna was at the time, the Vienna of *Belle Époque*, the characters who made the wonderful history of the city in the World then, the development of Arts, Science, Philosophy, as well as the tragic World Wars and the effort of pacifists, which culminated in the creation of European Union.

Keywords: *Belle Époque*, First World War, The end of the Austrian-Hungarian Empire, Gustav and Alma Mahler, Popper, Secession, Wittgenstein, Arnold and Stefan Zweig, The Escape of Sigmund Freud and the Second World War.

¹ Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro - SBPRJ, da Sociedade Psicanalítica do Recife - SPR e da Sociedade Psicanalítica de Fortaleza - SPFOR

Há mais de 100 anos, Viena já era Viena do imperador Francisco José, marido da Sissi, a bela que não se acostumava ao rigoroso protocolo da corte Austríaca e dele fugia em viagens constantes, deixando de cuidar do marido, da Corte e dos três filhos, até ser assassinada por um anarquista italiano. Dessa forma trágica se acabou o que foi considerado o casamento do século XIX, naquela que foi considerada a mais bela festa de todos os tempos, que durou uma semana e que só Viena foi capaz de realizar, com seus 700 mil habitantes e recheada de milhares de nobres vindos de todas as partes do mundo, além da própria nobreza vienense e magnífica burguesia enriquecida da Áustria, ávidas de cultura e saber. Três filmes com a bela Romy Schneider eternizaram a versão romântica desse drama humano.

Bem antes de terminar o século, o Imperador Francisco José iniciara a transformação completa de Viena, construindo um magnificante e vasto anel viário, a Ringstrasse, além de dois magníficos museus, bem como o Parlamento e a Prefeitura neogótica. O romancista Hermann Broch diria anos depois: “[...] o alegre apocalipse em torno de 1880” (Gay, p. 34).

Os ricos vienenses completaram a obra do Imperador e edificaram seus palácios particulares. Os judeus continuavam a vir para Viena, pois se Lueger, o antisemita clássico, era o prefeito que tinha o racismo como programa de governo, nos outros lugares, Londres e Paris, a situação era pior ainda para eles, no dizer de Peter Gay (p. 34).

Paris era um pouco maior do que Viena, mas a capital austríaca teria algo a mais: a alegria contagiante, a música, o amor ao prazer, o requinte da Corte, mantidos pelo Imperador e sua mãe dominadora. Viena possuía ainda os bosques: “ah! Os bosques de Viena!”, imortalizados pela música extraordinária de Strauss, o gosto pelas festividades e pela pompa.

Em 1902, Rodin foi convidado pelo grande artista plástico Klimt a uma festa ao ar livre no Práter, o belíssimo parque de Viena. Alguém do povo se senta ao piano e toca Schubert. Rodin, parisiense vivido, percebeu a beleza do ambiente e teve que confessar: “Klimt: nunca experimentei tais sensações... seu afresco trágico e ao mesmo tempo bem-aventurado... esta exposição inesquecível... e também estas

mulheres, esta música e, à nossa volta, em nós mesmos esta alegre ingenuidade... Estou conquistado!" (Giroud, p. 13). Arthur Koestler iria falar em uma "fugitiva centelha erótica". Será que eles desejavam dar uma pitada de razão a Pierre Janet, o inimigo de Freud, que afirmava ser a psicanálise uma pseudo cura para uma transbordante sexualidade exclusivamente vienense?

Era uma Viena maravilhosa, a Viena dos Sonhos, da *Interpretação dos sonhos* de Freud, *Viena Fin-de-Siècle*, *Viena da Belle Époque*, com o Danúbio Azul de Johann Strauss e o gênio de Franz Lehar, quando o Danúbio ainda era azul, o Danúbio das valsas de todos nós, das óperas, das operetas, das Viúvas-Alegres. Viena, cidade onde os maridos, ao morrer, temiam que suas viúvas não esperassem os primeiros sinais de enrijecimento muscular e já se transformassem em Viúvas Alegres. Italo Svevo, o grande escritor de Trieste, em *Consciência de Zeno*, bem depois, irá pedir piedade às mulheres para que aguardem algum sinal de deterioração física após o sepultamento para que, aí sim, possam cair nos braços de um outro qualquer, conforme diria Lupiscínio Rodrigues anos depois.

Voltemos à Viena das Sinfonias de Gustav Mahler, do charme da amada de Mahler, e também de outros passantes, enfeitiçados ou rejeitados pela bela Alma Mahler, musa inspiradora e amada do artista plástico Kokoschka. Musa também daquele que iria revolucionar o mundo do design e da Arquitetura, o criador da Bauhaus, Walter Gropius e também do renomado escritor Franz Werfel, o autor da *Canção de Bernardette*. Ela era uma musa, uma deusa, uma Vênus que transformava gênios em deuses. Os prazeres de Alma eram os amores e mais amores, traições e mais traições... A Viena de Robert Musil, o extraordinário escritor do *Homem sem Qualidades*, e também de Elias Canetti, gênio literário tão criticado por ter se transformado, anos depois, em um colaborador dos nazistas. Viena dos irmãos Artur e Stefan Zweig, grandes amigos de Freud. Quanto a Stefan Zweig, ele viria morar em Petrópolis, onde, apesar de escrever o livro *Brasil, país do futuro*, não via futuro para ele e sua amada no mundo que Hitler havia destruído. Hitler aniquilara o seu mundo maravilhoso da *Belle-Époque*, da segurança e da beleza, da harmonia romântica que lhe permitia enriquecer o universo das letras com suas criações geniais, suas frases suaves, maravilhosas, suas histórias candentes e maravilhosamente urdidas. Ele não via nenhuma solução a não ser suicidar-

se com a esposa em Petrópolis. Mas ainda estamos em Viena de Hofmannsthal, de Klimt, de Theodor Herzl, um judeu traumatizado com o tenebroso caso Dreyfus, que o mobilizou a idealizar um Estado Judeu. Viena da música atonal de Schoenberg, Viena que iria tornar-se campo de luta entre a filosofia de Karl Popper e a Lógica de Wittgenstein. Viena celebrada no mundo inteiro como sendo a terra dos filósofos do Círculo de Viena. Viena do arquiteto Otto Wagner, do urbanista Camillo Sitte. Viena em cujos cafés e nos salões das ricas e cultas damas contracenavam escritores, compositores, artistas plásticos, políticos, estrangeiros importantes, exilados, em um cadinho de cultura e de generosa convivência. Lev Davidovitch Bronstein, também conhecido como Trotsky, o criador da *Revolução permanente*, colaborador de Lenin em 1917, na Revolução Russa, frequentava o famoso Café Central, onde jogava xadrez. Ele foi escalado por Stalin para morrer desde 1929. Ao final, foi assassinado a machadadas no México muitos anos depois. Viena de Tomás Masaryk, primeiro presidente da República Tcheca. Viena de Franz Werfel, que na época era escritor equiparado a Thomas Mann. Werfel, autor popularíssimo por sua *Canção de Bernardete*, ousou casar-se com Alma, ex-Mahler. Ele, ao ver sua nova mulher, Alma, já com 53 anos, enfeitando o teólogo padre Johannes Hollensteiner, de 37 anos, promissor futuro cardeal de Viena, disse simplesmente: “É a mais recente loucura de Alma...” Mas não foi a última, o que o levaria a dizer: “É uma das poucas feiticeiras vivas...”. Alma sobreviveu a todos. Muito antes de sua morte, aos 87 anos, seria mordazmente cognominada “a viúva das quatro artes”. Ela não se casara com o quase futuro cardeal, senão teria ampliado o seu número de artes. O padre Johannes foi devidamente abandonado por Alma, sem batina. Realmente, Viena era a cidade onde a situação poderia ser desesperadora, mas não era grave... Ou, numa outra versão, em que o comandante de um regimento na frente ocidental enviaria o antológico telegrama: “A situação é sem esperança, mas não é desesperadora”. Eles sabiam viver até o fim e não se desesperavam mesmo quando havia a ameaça de um desespero, porque, ora, não era tão grave assim... Ficavam neste passo de dança volúvel, envolvente, em que a autenticidade também não era uma flor que vicejasse, e a ilusão, esta sim, era uma fonte de alegria e de vida.

Então surge um homem que não frequentava os cafés e as noites vienenses, que convivia em um pequeno círculo médico, que quase descobrira o efeito anestésico

local da cocaína e que afirmava odiar Viena e amar a verdade – o nosso Sigmund Freud.

Não podemos deixar de comparar, guardando as devidas proporções, Atenas e Viena. O velho Freud ficaria bem no lugar de Sócrates. Imaginamos que o criador da Psicanálise pode ser colocado junto de Sócrates, o indiscutível criador da Filosofia Ocidental. Sócrates pariu a maiêutica e o *Conhece-te a ti mesmo*, enquanto Freud deu nascimento à Psicanálise e à associação livre de ideias como meio de acesso ao Inconsciente. Ambos utilizando a Palavra e o Diálogo com o Outro como meio de parturição das ideias desconhecidas e nascentes, em uma tentativa de nos conhecermos melhor.

Houve momentos em que Freud se apropriou da peripatética platônica e, andando pelas ruas de Viena, analisou os pioneiros como Eitington e outros. É célebre a análise peripatética que Freud realizou com Mahler. Não foi em Viena, mas em Leyde, na Holanda, quando Freud lá estava de férias. Foram 4 horas. Lá pelas tantas, Freud estranhou como Mahler, nas circunstâncias de sua relação com a mãe, que se chamava Maria, viera a se casar com uma mulher de nome tão diferente, Alma. Para espanto dos dois, Mahler respondeu: “Mas ela se chama Maria Alma!”. Nesta hora, a gente tem de dizer em relação a Freud: “Bingo! Fecha o pano!

Em Viena, os intelectuais se conheciam, diferentemente das outras capitais europeias, onde se desconheciam. Havia muitos motivos para isso. Entre eles, os cafês. A meu ver, isso se devia também a um homem terrível, odiado por todos, uma víbora: Karl Kraus, o criador, redator, repórter do jornal *Die Fackel*, em português: *A tocha*. Ele não perdoava ninguém: Freud, a Psicanálise, os escritores que enalteciam o deflagar da guerra em 1914, os artistas, os ricos, os pobres, a burguesia, a realeza. Todos estavam expostos à navalha de sua pena inapelável. Todos tinham que lê-lo até para saber que podre de sua vida ia chegar aos narizes de todos de Viena. Isto porque tudo o que chegava a seus ouvidos ele publicava. Não importava quem fosse a vítima. Pois a vítima era sempre culpada. Parece que os vienenses pensavam assim: “Se um dia alguém contar aquele meu podre, eu sei que o Karl Kraus vai botar no jornal. Vamos gozar a desgraça alheia enquanto

não chega minha hora. Vou contar para o Karl publicar a história verdadeira da mulher do meu amigo”.

Mas a oposição à Psicanálise era grande. Gay, em 1989 (p. 410), nos lembra: “[...] Entretanto, o que mais impressionou ao futuro filósofo Karl Popper foi a explícita asserção de Einstein, de que consideraria insustentável a sua teoria da relatividade caso ela viesse a falhar em certas provas”. E Popper complementou: “[...] ali estava uma atitude completamente diversa da atitude dogmática de Marx, Freud, Adler e mesmo de alguns seus sucessores... Cheguei assim, em fins de 1919, à conclusão de que a atitude científica era uma atitude crítica, em que não importavam as verificações, mas as provas cruciais – provas que poderiam refutar a teoria em exame, conquanto jamais pudessem estabelecê-la ou prová-la” (p. 44). E Popper lançou-se no mundo!

Em 1921, o eclipse do sol daria à cidade cearense de Sobral um lugar especial não apenas na História da Astronomia e da Física, mas também na Epistemologia da Ciência, transformando-se em um esteio para a mente extraordinária de Einstein e o futuro Sir Karl Popper. Nesse eclipse, verificou-se que os raios de uma estrela foram desviados pela força gravitacional do Sol, algo que seria impossível de acontecer de acordo com os conceitos newtonianos clássicos.

Podemos refutar Popper, dizendo que Freud modificou sua teoria diversas vezes em aspectos essenciais desta. A Psicanálise desenvolveu-se por meio de caminhos que diferentes teóricos analistas têm percorrido com maior ou menor sucesso. Se tal fato ocorre é porque nem tudo é explicado. Sabemos que uma imensidade de problemas humanos não está explicada nem compreendida, mas, com a Psicanálise, alguma ampliação do conhecimento foi conseguida e continua sendo expandida.

Enquanto isso, os estudiosos geniais criavam suas extraordinárias teorias, a música, a dança e os cafés impregnavam a cidade de Viena. Nos cafés havia a riqueza, o cuidado, a alegria contagiante. Stefan Zweig dizia que a primeira coisa que se lia nos jornais era a seção de espetáculos. Viena não era apenas a cidade da psicanálise nascente, mas também do novo urbanismo, da música atonal, das

artes plásticas que caminhavam do “déco” ao expressionismo. Era uma mola propulsora do belo e do moderno.

Os homens mais ricos da cidade eram profundamente ligados ao processo cultural e de vanguarda. O mecenato era franco e decidido. O velho Karl Witgenstein, pai do nosso filósofo, era o mais rico de todos. Ele era mais rico do que os Krupp seriam na Alemanha de Hitler. Apoiou inteiramente o movimento artístico da *Secessão*, que eclodiu na Viena esfuziante e sacudiu aquela época, e, quanto mais tempo se passa, mais e mais é valorizado. Era uma luta contra o academicismo ainda imperante.

Klimt, 20 anos mais velho do que Alma, futura Mahler, frequentava o lar de Moll, padrasto da futura “Viúva das quatro artes”, como ficou conhecida por haver arrasado os corações dos maiores gênios da época, matando-os de frustração amorosa. Era uma Marilyn Monroe de então, com algumas diferenças. Não se interessava por presidentes, mas sim por gênios. Aos 17 anos, sabia grego, devorava Nietzsche, sabia de cor toda a obra de Wagner, compunha maravilhosos *lieds*, mas obedeceu à ordem de Mahler de jamais compor. Klimt foi eleito presidente da *Secessão*, Moll o organizador do movimento que tratava de “[...] romper com o academicismo vienense dominado ainda por um hábil artífice, Makart, e revolucionar pura e simplesmente o conjunto das artes plásticas e decorativas” (p. 25). Mobilizaram mais quarenta artistas plásticos em luta para reformular a Arte e fazer um novo Renascimento. Alma Mahler, aos 15 anos, estava no centro amoroso de todos. Moll era seu padrasto, e Klimt, 35 anos, seu primeiro enamorado. Onde Alma ia, Klimt ia atrás, mesmo de cidade em cidade, até a mãe de Alma ler no diário íntimo da filha a descrição de um certo beijo. Solução: Klimt não poderia mais frequentar a casa deles e foi fazer a extraordinária revolução nas Artes, a *Secessão*. Embora tristes com o fato de Klimt não poder mais visitar sua casa, Alma e seu apaixonado amado aceitaram a ordem. O padrasto Moll era apreciado e valioso por sua capacidade organizadora. Mas, em Veneza, a promessa ao padrasto não pôde ser cumprida e, a duras penas, Alma manteve apenas a virgindade, aquele “bem tão precário [...]” (p. 26). Moll, o organizador do movimento da *Secessão*, o padrasto, se impôs e acabou com a farra, por pouco tempo... Klimt precisava do senso de organização de Moll e, assim... obedeceu.

Klimt passou a satisfazer-se com uma boneca que era a imitação perfeita de Alma. Só faltava alma à Alma. Mas, Alma teria alma?

Os três afrescos, que saíram da mente de Klimt para ornar os salões da Universidade, e cujos temas eram Medicina, Filosofia e Jurisprudência, chocaram a todos. Eram mulheres nuas, esguias, expressando a essência da feminilidade, de belezas nada esculturais, mas criaram um tumulto tal que Klimt retomou-as e não recebeu o dinheiro que o Estado lhe devia. O Ministro da Educação impôs: ele, Klimt, tinha que receber o dinheiro. Mandou um caminhão buscar os quadros. Klimt pegou uma espingarda, carregou-a e, quando os motoristas chegaram, ele os mandou desaparecer de sua frente com caminhão e tudo e que transmitissem suas palavras ao ministro e que não voltassem jamais. Nunca mais voltaram. Tempos depois, estes afrescos foram parar em um palácio particular, incendiado na época dos nazistas. Mais um crime na conta do pintor de paredes chamado Adolph!

Antes e depois disso, em seu atelier, Klimt vivia cercado de mulheres nuas, as quais ia desenhando de acordo com a perspectiva visual e emocional do momento.

O pai de Wittgenstein sabia ser tirano. Dos seus quatro filhos homens, todos de grande sensibilidade artística, virtuosos do piano, fato que os levava a varar as madrugadas mergulhados no prazer da música, três deles eram homossexuais e se suicidaram, enquanto que o outro, Wittgenstein, seria o gênio que até hoje irradia e ilumina o saber humano. O sofrido Ludwig Wittgenstein viveu acalentando a ideia e o quase ato de suicidar-se, tentava agarrar-se nos amores homossexuais. Com a morte do pai, herdou uma considerável fortuna. Passou a reparti-la com vagabundos desconhecidos e poetas. Rilke teria recebido alguma quantia de Wittgenstein até que a irmã do filósofo tomasse providências. Na guerra de 1914, poderia ser oficial, mas resolveu ser soldado. Destacou-se em tudo em que se intrometeu. Recebeu medalhas. Onde ia, criava coisas extraordinárias. Sócrates também se tornou herói nas batalhas de Atenas, desprezava os bens materiais e criou a Filosofia sem nada escrever. Wittgenstein tinha o seu *Tractatus* na mochila de enfermeiro da Primeira Guerra Mundial e a lógica e as discussões com Bertrand Russel na mente. Desejava acabar com a Filosofia, reduzir tudo à Lógica e aniquilar a metafísica, a ética, a estética.

Bem antes desses anos, ainda em 1895, “o bastião do liberalismo, a própria cidade de Viena, foi engolfado por um vagalhão social-cristão. O Imperador Francisco José, com o apoio da hierarquia católica, recusou-se a ratificar a eleição de Karl Lueger, o prefeito católico antissemita. Sigmund Freud, o liberal, fumou um charuto para comemorar o gesto do Imperador, salvador autocrático dos judeus. Dois anos depois, não se pôde mais deter o vagalhão. O Imperador, curvando-se à vontade do eleitorado, ratificou Lueger como prefeito de Viena”. (Schorske, p. 27).

Daí em diante, Viena e Áustria se tornaram rainhas do clericalismo e antissemitismo. É bem verdade que, muitos anos depois, Stefan Zweig, quando exprimia sua “[...] consternação pelas notícias a respeito das perseguições aos judeus [...] [ouviu]: – Vocês, judeus alemães e austríacos, sofrem mais porque há séculos não conhecem perseguições. Nós que viemos da Rússia, Polônia, Romênia, sabemos o que são *pogrons*, massacres, terror” (Dines, p. 474). É um campeonato masoquista: saber quem sofre mais. Triste condição humana, o que nos faz lembrar André Malraux, a mostrar que seres humanos vivos eram lançados nas fornalhas a fim de alimentar as locomotivas, como se fossem carvão.

A *Belle-époque* acabou-se com a Primeira Guerra Mundial, em 1914; o Império Austro-Húngaro desabou também, a inflação varreu a Europa, Freud sofria até falta de alimentos, mas trabalhava intensamente e criou a Psicanálise na dor, no sofrimento, na Esperança e, com muito trabalho, em plena Glória, enquanto Viena e a Áustria se organizavam e suplantavam as dificuldades após a Primeira Grande Guerra. Nesse período, construiu uma obra monumental: a Psicanálise e os 24 monumentais volumes de suas obras completas. Em 1938, Freud teve que fugir do nazismo, indo para Londres. Deixou tal ato para quase o último momento, depois de sua filha, Ana, ter sido interrogada pela Gestapo.

Muitos e muitos anos após, Erik Kandel, vienense, casado em primeiras núpcias com Anna Kris, filha de Ernest e Marianne Kris, grandes amigos de Freud e analistas das primeiras horas da Psicanálise, lançou-se no mundo da Psicanálise e da Ciência. Preferiu depois estudar a memória e conquistou o Prêmio Nobel de Medicina e Fisiologia em 1999. Escreveu *Em busca da memória*, uma obra

extraordinária, onde trechos autobiográficos e históricos se entrelaçam com suas pesquisas e mostram a Viena trágica onde Freud teve que viver por alguns meses. Em 13 de março de 1938, “Anschluss – anexação com a Alemanha” e *Finis Austriae* foram as palavras de Freud. “Iniciava-se o reinado do terror”, no dizer de Peter Gay (pp. 558-559). Em 15 de março, a editora e a casa de Freud foram invadidos e vistoriados pela Gestapo. Uma semana depois voltariam. Os filhos Martin e Ana foram interrogados na polícia. Daí em diante, intensificaram-se os esforços para que Freud deixasse Viena. Marie Bonaparte, Jones e Bullitt trabalharam intensamente com este objetivo. Em 3 de junho, Freud e família viajam para Paris e daí, no dia 6 de junho, chegam a Londres.

Para mais detalhes sobre Viena e os tempos sombrios, Erik Kandel escreveu:

Hitler tinha presumido que os austríacos iriam se opor à anexação de seu país pela Alemanha e fossem peleitear que a Áustria se tornasse um protetorado alemão relativamente independente. Mas a maneira extraordinária como foi recebido, mesmo por aqueles que, 48 horas antes, se opunham a ele, convenceu-o que a Áustria aceitaria prontamente – e, na verdade, receberia de bom grado – a anexação. Parecia que todo mundo, dos comerciantes modestos aos mais elevados membros da comunidade acadêmica, agora acolhia Hitler de braços abertos. O cardeal Theodor Innitzer, influente arcebispo de Viena, outrora defensor solidário da comunidade judaica, ordenou que todas as igrejas católicas de Viena hasteassem a bandeira nazista e fizessem soar seus sinos em homenagem à chegada de Hitler. Ao cumprimentá-lo pessoalmente, o cardeal empenhou sua própria lealdade e também a de todos os austríacos católicos, a maioria da população. Prometeu que os católicos da Áustria se tornariam ‘os verdadeiros filhos do grande Reich, para cujos braços eles haviam retornado neste dia importantíssimo’. O único pedido do arcebispo foi o de que as liberdades da igreja fossem respeitadas e seu papel na educação dos jovens garantido. Naquela noite e durante os dias que se seguiram, o caos se instalou. Inspirados pelos austríacos nazistas e gritando “Fora com os judeus! Heil Hitler! Destruam os judeus!”, multidões de vienenses, adultos e jovens irromperam num frenesi nacionalista, espancando judeus e destruindo suas propriedades. Judeus foram humilhados e obrigados a ficar de joelhos para esfregar as calçadas, eliminando todos os vestígios dos grafites políticos contrários à anexação. Meu pai foi forçado a usar uma escova de dentes para limpar Viena do

último sopro da independência austríaca – a palavra ‘sim’, rabiscada pelos patriotas vienenses exortando os cidadãos a votar pela liberdade da Áustria e a se opor à anexação. Outros foram obrigados a carregar baldes de tinta e a marcar os estabelecimentos comerciais que pertenciam a judeus com a estrela de David ou com a palavra Jude. Os comentaristas estrangeiros, desde muito habituados às táticas nazistas na Alemanha, ficaram mudos de espanto com a brutalidade dos austríacos. (...)

No dia seguinte à chegada de Hitler, todos os meus colegas de classe – exceto um – uma menina, a única outra criança judia que estudava na minha classe – me evitaram. No parque onde costumava brincar fui insultado, humilhado e provocado. (...) Essa hostilidade dirigida aos judeus, da qual o tratamento que recebi não passa de um tratamento ameno, culminou com os horrores da Noite dos Cristais (Kandel, pp. 28-32).

Nesta célebre Noite dos Cristais, os nazistas destruíram as vitrines e os pertences das casas dos judeus, expulsaram-nos de seus lares, agrediram e mataram livremente.

O fim da Segunda Guerra Mundial marcou o início da reconstrução notável da Áustria e de toda a Europa, bem como a criação da magnífica realidade que é hoje a Comunidade Europeia.

REFERÊNCIAS

- Dines, A. (2004). *Morte no paraíso* – A tragédia de Stefan Zweig. Rio de Janeiro: Rocco.
- Gay, P. (1989). *Freud, uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Cia. das Letras.
- Giroud, F. (1989). *Alma Mahler ou a Arte de ser amada*. Rio: Rocco.
- Kandel, E. (2009) *Em busca da memória*. São Paulo: Cia. das Letras.
- Schorske, C. (1988). *Viena Fin-de Siècle*. São Paulo: Editora Schwarcz.
- Popper, K. (1987). *Autobiografia intelectual*. Rio: Editora Cultrix.
- _____. (1989). *Karl Popper et la Science d'aujourd'hui*. Paris: Aubier, Colloque de Cerisy, p. 141.